

RUA FRANCISCO GASPAR DA SILVA

Decreto nº 5278 de 25-11-1977, Artigo 2º

Formada pela rua Circular do Jardim Eulina

Início na avenida Marechal Rondon

Término na avenida Marechal Rondon

Jardim Eulina

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Francisco Amarral. Protocolado nº 24.930 de 04-10-1977 em nome de João Baptista de Sá.

FRANCISCO GASPAR DA SILVA

Francisco Gaspar da Silva, comumente chamado de Gaspar da Silva, nasceu em 1856, filho de magistrado português, recebeu esmerada educação. Coursou o Liceu de Coimbra e mais tarde, a Universidade da mesma cidade, onde fez os primeiros anos da Faculdade de Direito. Abandonou os estudos por doença do pai. Indo para o Porto, iniciou-se na poesia. Trabalhou na imprensa, colaborando no "Imparcial", "Tribuna", "Mundo Novo", "Diário da Tarde" e outros periódicos de Portugal. Por desilusões amorosas veio para o Brasil, passando a redigir no "República das Letras", semanário ilustrado, de São Paulo e colaborando na "Província de S. Paulo", na secção "Letras e Artes". Em Campinas, ingressou no "Diário de Campinas", dirigido por Antonio Sarmento, havendo tido ruzgas com Quirino dos Santos, razão de sempre sofrer críticas pela "Gazeta de Campinas". Abriu uma livraria, a "Livraria Internacional", onde além de vender, alugava livros, ampliando-a depois, com a exposição e vendas de artigos carnavalescos. De parceria com Julio Ribeiro, que a esse tempo lecionava no "Culto à Ciência", pretendeu editar em fascículos mensais, uma "Enciclopédia Instrutiva", que ficou apenas na primeira publicação. Fundou à rua do Comércio (rua Dr. Quirino) o Clube Ginástico Português, do qual foi presidente, dedicado ao preparo físico de seus sócios. Em janeiro de 1878 mudou-se para Sorocaba onde foi redigir a "Gazeta de Sorocaba". Isto por pouco tempo, pois o jornal fechou e regressou a S. Paulo. No ano seguinte foi fazer jornalismo em Uberaba e em 1881, era o redator do "Galileu", da cidade de Casa Branca. De volta à capital paulista, fundou com Léo Afonseca o "Diário Mercantil" que promoveu a campanha para a erecção de uma estátua de José Bonifácio em São Paulo. Por onde passou Gaspar da Silva teve rixas e polêmicas, chegando muitas vezes às brigas e agressões físicas.

Prot. 24930/77

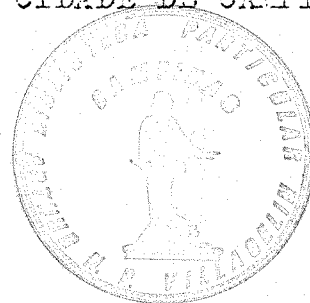
Int. João Baptista de Sá



Prefeitura Municipal de Campinas

DECRETO Nº5278 DE 25 DE NOVEMBRO DE 1977.

DÁ DENOMINAÇÃO A PRAÇA E VIAS PÚBLICAS DA CIDADE DE CAMPINAS.



O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual nº 9 de 31 de dezembro de 1969 - Lei Orgânica dos Municípios - ,

D E C R E T A :

Artigo 1º - Fica denominada "Praça Heitor Barbosa", a Praça sem denominação do Jardim do Trevo, situada entre as ruas Dr. Alves do Banho, Rua Ribeirão Branco e Rua Ribeirão Preto.

Artigo 2º - Fica denominada "Rua Francisco Gaspar da Silva", a Rua Circular do Jardim Bulina, com início e término na Av. Marechal Rondon.

Artigo 3º - Fica denominada "Rua Alfredo de Almeida", a rua do Balão do Jardim Bulina, com início e término na Av. Marechal Rondon, circundando parte do quarteirão 3234.

Artigo 4º - Fica denominada "Rua José Gonçalves Pinheiro", a rua 6 do Jardim Bulina, com início na rua Hermelindo Argenton e término na Av. Marechal Rondon.

Artigo 5º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

FAÇO MUNICIPAL, 25 de novembro de 1977.

DR. FRANCISCO AMARAL

PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

PODER EXECUTIVO

DECRETO N.º 5278 DE 25 DE NOVEMBRO DE 1977

Dá denominação a Praça e Vias Públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9 de 31 de dezembro de 1969 — Lei Orgânica dos Municípios,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica denominada, "Praça Heitor Barbosa", a Praça sem denominação do Jardim do Trevo, situada entre as ruas Dr. Alves do Banho, Rua Ribeirão Branco e Rua Ribeirão Preto.

Artigo 2.º — Fica denominada "Rua Francisco Gaspar da Silva", a Rua Circular do Jardim Eulina, com início e término na Av. Marechal Rondon.

Artigo 3.º — Fica denominada "Rua Alfredo de Almeida", a rua do Balão do Jardim Eulina, com início e término na Av. Marechal Rondon, circundando parte do quarteirão 3234.

Artigo 4.º — Fica denominada "Rua José Gonçalves Pinheiro",

a rua 6 do Jardim Eulina, com início na rua Hermelindo Argenton e término na Av. Marechal Rondon.

Artigo 5.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 25 de novembro de 1977.

DR. FRANCISCO AMARAL

Prefeito do Município de Campinas

DR. RALPH TORTIMA STETTINGER

Secretário dos Negócios Jurídicos

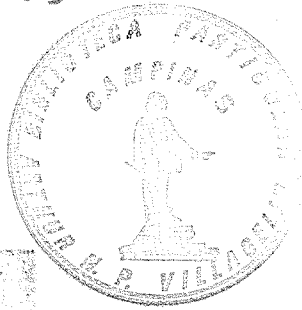
ENG.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO

Secretário de Obras e Serviços Públicos

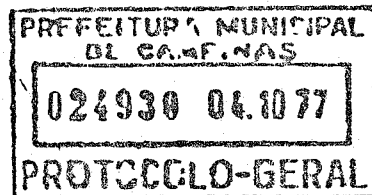
Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos, — Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica —, com os elementos constantes do protocolado n.º 24.930, de 4 de outubro de 1977, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 25 de novembro de 1977.

DR. GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE

Chefe do Gabinete do Prefeito.



Academia Campineira de Letras e Artes



Campinas, 6 de setembro de 1977.

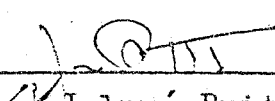
Ilmo. sr. dr. Francisco Anaral D.D. Prefeito Municipal.

Campinas.-

Muito particularmente e como admirador e muito amigo do ilustrado Chefe da Comuna de Campinas, venho lembrá-lo de que seria muito simpático para imprensa, no ^{centenário} centenario da Associação Campineira de Imprensa e no Dia da Imprensa, que ocorre dia 10 deste, dar os nomes de ruas a: a) Antônio Franco Cardoso, fundador do Diário de Povo; b) Alberto Ulysses Sarmiento Sobrinho, jornalista da antiga Gazeta de Campinas; c) dr. João Marcílio, grande jornalista, antigo redator do Diário do Povo e Gazeta de Campinas e fundador da primeira Escola de Aviação Civil, no BRASIL; d) Heitor Barbosa, esposo de dona Josefina Sarmiento, antigo redator da Gazeta de Campinas; e) José Gonçalves Pinheiro, grande jornalista que militou na antiga imprensa da cidade; g) Francisco Gaspar da Silva, jornalista português e que aqui morou durante muitos anos, fundador da Gazeta de Comércio; h) Alfredo de Almeida, que dirigiu a Opinião Liberal i) Francisco Antônio de Arujo, que dirigiu o segundo jornal publicado em nossa cidade, e

Uma sugestão que, quase idêntica à homenagem prestada aos antigos diretores do Instituto Agronômico daria ensejo a que a imprensa, que lhe tem sido tão adversa, saiba que v. excia. tem seu espirito voltado para as grandes figuras da imprensa campineira.

Atenciosamente


Joluná Britto (João Baptista de Sá)

amigo. Gaspar da Silva nasceu em 1856, filho de um severo magistrado português, recebeu esmerada educação, caminhando sempre na estrada da honra e não conhecendo as irregularidades e a devassidão em que se encontravam seus companheiros de estudos. Cursou o Liceu de Coimbra e, mais tarde, a Universidade da mesma cidade, os primeiros anos da Faculdade de Direito. Uma grave enfermidade de seu pai obrigou-o a abandonar repentinamente os estudos e correr aos braços do moribundo que o esperava no Pôrto. Nessa cidade tendo conhecido o infeliz poeta Guilherme Braga no verdor dos anos, começou os seus ensaios literários. O lirismo foi abraçado ardentemente pelo novel poeta. Os olhares das Julietas, o verde-escuro da floresta, o canto do rouxinol, o "sabiá" europeu e as cenas modestas da aldeia eram todo seu ideal. Mas, como a mão profana colhe a mão inocentinha que humilde se esconde entre a relva, assim Gaspar da Silva foi arrebatado do seu quimérico arrulhar para descrever os vícios infames da sociedade corrupta, para se tornar o estigmatizador — o poeta social. Aos 17 anos escreveu enérgicamente a defesa de Vieira de Castro, publicando-a em um panfleto, o que mereceu aplausos de Camilo Castelo Branco, Guilherme Braga e outros escritores abalizados. Pouco tempo depois foi o lugar tenente de Guilherme Braga quando este levantou vivas à liberdade à porta da Sé do Pôrto, o que provocou as iras dos reacionários. Foi colaborador do "Imparcial", da "Tribuna", do "Mundo Novo", "Diário da Tarde" e de outros periódicos de Portugal. Usou de vários pseudônimos, fustigou sempre a reação e a realza, com especialidade quando redator da "República". Camilo Castelo Branco, Gomes Leal, Júlio César Machado e outros literatos amados chamam-lhe "o seu illustre discípulo". Ennes, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, Antero de Quental tratam-no por "o nosso bom amigo", "o nosso heróico companheiro". Vêm, pois que o seu talento, foi em parte recompensado. Gaspar da Silva foi obrigado a sair de Portugal por uma aventura amorosa ter-lhe dilacerado a alma; o amor da pátria e da família está profundamente arraigado em seu coração de meu amigo; êsse amor muitas vezes lhe fez causa de ter os olhos inundados de lágrimas. Uma vez foi encontrado por mim no Grande Hotel de Bordeaux, com sinais evidentes de ter chorado, confessando-me ingenuamente que a causa de seu pranto era a saudade de sua mãe e de Portugal. O Brasil,

FRANCISCO GASPAR DA SILVA

Não sabemos a que atribuir o completo silêncio em que até agora se manteve o nome de um jornalista português que, passando por Campinas teve aqui papel de relêvo, não só no desenvolvimento de nossos periódicos do século passado, como também em alguns setões sociais onde sua presença era sempre de destaque.

Trata-se de periodista de nome Francisco Gaspar da Silva que, como tantos outros da pátria-mãe que vieram para Campinas, apenas não se demorou tanto quanto muitos que aqui se fixaram definitivamente, talvez pelo seu espírito belicoso e quase aventureiro, segundo depreendemos das notas que coligimos de sua passagem por Campinas e que expomos nesta história parcial de nossa imprensa.

Francisco Gaspar da Silva, ou melhor, como era comumente chamado, conhecido e se assinava: Gaspar da Silva, devia ser louro "poeta de louros cabelos", como haviam-no chamado um dia. Era maçom e escreveu uma peça que a Companhia "Ribeiro Guimarães" apresentou em nosso velho Teatro "São Carlos" "porque — rezam também as crônicas — era contra o clero católico e a favor da maçonaria".

Sua vinda para Campinas, conforme relatamos no sexto volume, pág. 155, deveu-se ao fato de vir representar uma firma interessada na exportação de certos e determinados artigos de comércio fácil que não vem à pélo relatar aqui, por desnecessário. De um seu perfil publicado no "Mercantil", de Petrópolis, em 23 de abril de 1876 sabemos o seguinte:

"Descrever a série de circunstâncias que obrigaram este nobre mancebo sr. Gaspar da Silva a abraçar entusiasticamente a árdua carreira literária é esboçar a vida de todos os moços que, como êle, se dedicam a literatura. A amizade que lhe consagra, a admiração que professo pelo seu talentoso engenho e o orgulho patriótico — escreveu César Augusto Ribeiro — obriga-me, porém a tentar pintar as cenas mais patéticas da vida de meu

hospitaleiro por excelência, o rico Império povoado de homens cavalleiros, de tantos espíritos que amam a liberdade, seduziu Gaspar da Silva, obrigando-o a vir para este mundo. Hoje, é redator da "República das Letras", semanário ilustrado, publicado na cidade de São Paulo e colaborador da "Provincia de S. Paulo", onde, sob o título de "Letras e Artes" publica interessantes poesias e cartas dirigidas ao primo folhetinista português, Julio César Machado".

Em seguida a estas linhas, seu biógrafo publica a poesia "Afonso XII e Carlos VII", soneto esse que tem esta chave:

*Quando em meio a horrífica batalha,
Os dois vendidos, os reais canibais
Erquem nas mãos a luminosa taça*

*Treme, rainoso, o seio do infinito
E um povo inteiro, pávido e proscrito
Traga o porvir nos lábios da desgraça!*

Esta foi, em suma, a vida pregressa de Gaspar da Silva antes de vir para Campinas tentar melhores dias, numa cidade como esta cujo progresso em fins do século passado deixava muito longe as da Capital paulista, a ponto de ser a terra de Barreto Leme apontada como a cidade principal de toda Provincia.

O certo é que, desde logo, após sua mudança para esta cidade, o poeta de louros cabelos tornou-se inimigo de Quirino dos Santos e, conseqüentemente, estava no "index" da cidade, literária e periódica. A rodinha literária e jornalística que conhecemos através da leitura do sexto volume desta minha história dão um sentido mais exato para aquêles que querem conhecer a força que reunia os periodistas do jornal do vate das "Estrélas errantes". E desde logo foi Gaspar da Silva hostilizado pelos escritores da fôlha de Quirino. Acoimaram-no, devido aos seus escritos e poesias, "de mau poeta e mau gramático" e, pela seção particular um certo Arlequim da "Gazeta de Campinas" apontava seus erros palmares de gramática como estes, que teriam sido escritos pelo jovem português: "Poetas monomaniacos ambos *florentes*, diz um: "No recinto feliz onde tu *esteja*. "Diz outro: "Oh! vai a vista a quem *tu cegou*".

F finalizando a verrina repetia Arlequim: "Poetas por poetas sejam lidos, poetas por poetas entendidos" — e subscrevia-se, mais, ainda, "A gramática aos supapos".

Mas, surgiu, também, um companheiro e amigo (sic) que não se sabe quem tenha sido, que o defende por essa mesma época, traçando estes versos:

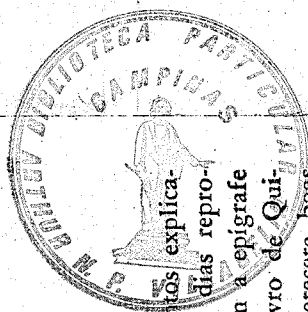
*Não lamentos, amigo, o teu estado,
Debicada tem sido gente boa
E quem a ti debica é gente atôa
Que merece por ti ser desprezado.*

*O teu nome na história está firmado,
Tua fama no espaço já rebôa,
Nas côres luxuriosas de Lisboa
O teu estro é por todos respeitado.*

*Deixa rosuar os cães, apamba a ave,
A itálica menina que te adora,
Que só por ti suspira e por ti chora
Que de seu coração te deu a chave.*

*Que te importa si moves atrás inveja,
Fazei-te respeitar, mostra quem és:
Verás que irão beijar até teus pés
No recinto feliz onde tu esteja ..."*

Mas, essa ojeriza do pessoal da fôlha de Quirino dos Santos explica-se facilmente. É o mesmo Gaspar quem esclarece que "há dias reproduzi no "Diário de Campinas" um pequeno artigo literário com a epigrafe "Realidade", escrito e publicado em Portugal, em 1874 (O livro de Quirino dos Santos era muito conhecido naquele país-irmão e merecera boas e más críticas da imprensa, dentre elas a do vate português). Diversas pessoas que não conheço, mas que sem razão aceitável são minhas desafeiçoadas propalaram, não sei com que fim, que esse artigo continha alusões caluniosas ao redator da "Gazeta de Campinas", sr. Francisco Quitino dos Santos. Tive conhecimento dêste boato e para que o meu silêncio não confirmasse esse ponto de vista, escrevi uma carta ao sr. Carlos Ferreira, colega do sr. Quirino e com quem, não há muito, mantinha relações de amizade, dizendo nesse escrito "que o artigo de que acima falo, não podia conter referências ao sr. Quirino visto que, em 1874, ainda eu não sabia sequer da existência de S. S. Dizia mais que, respeito o sr. Quitino como homem, tanto quanto o detesto como escritor. Nesse ponto, fui, talvez, excessivamente franco, duma franqueza rude, que deveria de-



sagradar ao sr. Carlos Ferreira. Eu, porém, procedo sempre assim, digo o que sinto, sem ambigüidade ou reticências."

E datou, daí a quizília do pessoal da "Gazeta de Campinas", pelo Gaspar e pelos seus colegas do "Diário de Campinas", "que então circulava sob a direção de Antônio Sarmento, ojeriza essa que culminou com os incidentes conhecidos no volume anterior deste meu trabalho.

O caso, lembro-o aqui, rapidamente, ocorreu no Boulevard Campineiro, ponto de reunião de nossa sociedade, no dia de Natal de 1876, quando em virtude dessas desavenças pessoais e ameaças partidas do grupo de Quirino dos Santos entraram em discussão que degenerou em princípio de conflito entre Quirino dos Santos, Campos Sales, Glicério, Antônio César de Queira Leite, irmão deste último político, Bento Quirino e outros elementos que formavam entre blocos antagonistas.

No entanto, apesar de tudo, Gaspar continuou sua vidinha de trabalhos, colaborando sempre no periódico de Sarmento. Abriu uma livraria onde, por 4\$000 mensais se facultava a leitura de livros escolhidos por qualquer pessoa. Foi, nesse sentido, um inteligente precursor em Campinas de nossas bibliotecas públicas criando nessa livraria ambiente para que nossos moços, mais modestos em suas posses, pudessem ter boa leituras, através de livros escolhidos...

Surgiu, por volta de 1876, uma discussão tremenda entre aédos e prosadores por causa da poesia, classificada, no tempo, entre a lírica e a social. Talvez, a de que falasse do amor e da que se referisse às necessidades terrenas do homem que progredia muito no campo social. Daí renasceram as discussões pelas secções livres nos dois jornais mais importantes de Campinas. Também em São Paulo tomaram-se partidos pró e contra. E apareceu, na liça, para prejuízo do Gaspar, o sr. Abílio Marques, com quem travamos conhecimento neste volume e no anterior, seu compatriota e que deveria conhecer bem a história de seu ex-amigo desde o velho Portugal. Eis o que escreveu o Abílio na "Secção Particular", da "Gazeta de Campinas", em 31 de julho de 1876: "Não há muito que na "Gazeta de Campinas", escrevi um folhetim a respeito da poesia lírica e social, folhetim em que, apartando-me de qualquer discussão pessoal, me dirigi ao sr. Gaspar da Silva com toda a urbanidade própria de cavalheiros. Dias depois apareceu este senhor em minha casa, dizendo-me que no dia seguinte iria publicar um folhetim em resposta ao meu, que não levasse a mal umas brincadeiras que recheavam o seu pastel literário. Julgando que seriam simplesmente frases inofensivas tais brincadeiras, recebi as explicações do sr. Gaspar como um ato de cortesia e nada mais. Ao ler, porém, a.

"causerie" satânica, via que o sr. Gaspar se havia afastado de todas as regras do cavalheirismo e consciente ou inconscientemente me feriu. Respondi-lhe como devia, mas, por certa deferência deixei de dizer tudo o que desejava, protestando, no entanto, voltar a discutir como quem descia à plana dos gamenhos para com a sua jogralidade divertir o público. Depois disto, constantemente, o sr. Gaspar da Silva não perde ensejo de atirar-me pedradas nas suas suculentas prosas. Pois bem, avalie agora o público o modo de proceder do intitulado "lugar-tenente de Guilherme Braga" e outros poetas que nunca se lembraram dêle. Ai vão duas cartas que me foram dirigidas em princípio de maio, quando eu mal conhecia o sr. Gaspar, pois só o tinha visto uma ou duas vêzes. Ei-la:

"Meu caro patricio.

Acabo de ler o seu artigo na "Gazeta". Está esplendoroso. Renovo-lhe as minhas sinceras felicitações. E daquele modo que se faz crítica. Eu estou sendo vítima do ódio felino e das rivalidades estultas duns acadêmicos que teimam em me confundir com os gamenhos. Veja se na "Gazeta" pode publicar uma notícia concebida, mais ou menos, nos termos da que vai junta. As colunas da "República" estão às suas ordens. Não sou mais extenso porque tenho de produzir o folhetim da "A Tribuna". Cria-me seu afeiçoado,

(a) *Gaspar da Silva.*"

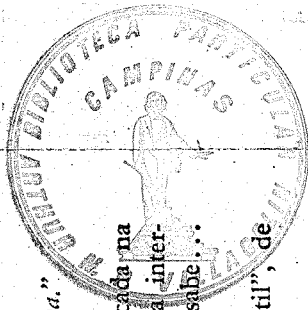
A notícia que vinha junta era esta: "A questão poética provocada na imprensa de São Paulo por Gaspar da Silva agonisa em virtude da intervenção quixotésca de alguém que tudo ignora, mas julga que tudo sabe... etc., etc."

A segunda carta vinha acompanhada de exemplar do "Mercantil", de Petrópolis e reza assim:

O Lisboa pede-me que espeça para essa redação o exemplar do "Mercantil" que publicou a minha biografia e que em nome dêle exija a reprodução na "Gazeta". Seu criado,

(a) *Gaspar da Silva.*"

"Eis aí — continua Abílio — dois documentos cujos originais ficam em meu poder. O sr. Gaspar da Silva escreveu-me essas duas cartas para que eu o elogiasse e tomasse a sua defesa. Que modéstia! E como não



o atendi o sr. Gaspar passou a atacar-me por todos os modos. Insistiu o sr. Gaspar para publicar a biografia, o que fiz, fazendo ver, também, ao sr. Gaspar que o fazia a seu pedido, o que não lhe agradava muito. E não pára aí a sua falsa modéstia. Quando S. S. veio da primeira vez a Campinas a "Gazeta" deu notícia de sua chegada. Soube, depois, que o ilustre sr. Gaspar da Silva se queixara a alguém de que não fôra recebido como devia. Que queria mais o sr. Gaspar? Decerto queria que se dissesse que estava "entre nós o muito ilustre, sapientíssimo e abaladíssimo escritor sr. Gaspar da Silva, autor disto e mais daquilo. Nós, que somos profundos admiradores de S. S. curvamo-nos ante a majestade do gênio e daqui lhe enviamos muito saudar". Ofereço-lhe portanto as duas cartas ao seu biógrafo que lhe vai apreciar o livro que S. S. vai publicar com o título "Antes que apague a candeia..." É dos diabos o sr. Gaspar."

Claro que, diante dessa nova polémica, bem gozavam os redatores da "Gazeta de Campinas", com as reprimendas contra Gaspar da Silva e, talvez mesmo insuflassem ao Abílio para que continuasse com as suas perlas e publicasse mais coisas da vida do moço compatriota!

Mas, o Gaspar respondeu à altura e o Abílio voltou à carga em 3 de agosto:

"O satanismo de mestre Gaspar. — O sr. Gaspar Luis da Silva dignou-se responder ao meu artigo de 31 do passado, com a seguinte tirada "verdadeiramente satânica": "O gerente da "Gazeta de Campinas". A "Gazeta de Campinas" de ontem, insere um miserável artigo subordinado à epígrafe "Cousas do sr. Gaspar da Silva". O signatário dêsse escrito, um tal Abílio A. S. Marques, indivíduo muito conhecido por sua rotunda ignorância e estólicas pretensões, reproduz suas duas cartas particulares que lhe escrevi no tempo em que tinha a infelicidade de apertar-lhe as mãos. O fato da reprodução das cartas dá a medida exata do caráter do sr. Abílio a uns gracejos lorpas que o gerente da "Gazeta" me dirige. Não respondo como não procurei rei desforçar-me do histrião esfarrapado e bêbado que me fez alvo de suas insolências.

(a) *Gaspar da Silva.*"

"Ora, aqui está como o sr. D. Silva — retruca Abílio — do charlatanismo literário, responde a quem ainda há pouco via embaraçado com pedidos de elogios feitos por S. S.

Em abono da verdade devo dizer que este companheiro da "Pomada Florestal" de Lisboa, teve a louca pretensão de vir fazer figura no Brasil,

dizendo-se literato de nota em Portugal, quando ali ninguém tem a honra de conhecê-lo; exceto os literatos da "Luz da Razão", periódico do Pôrto dirigido por um émulo de Martins Guimarães, o célebre Rosalindo Cândido de Sampaio e Brito, que escreveu o "Diabo fechado na minha gaveta", muito semelhante ao livro que terá por título o primeiro volume do livro "Ao apagar de minha candeia..." romance cujo prólogo toma o primeiro volume é parte do segundo. O satânico sr. Gaspar inculca-se no Brasil companheiro d'armas de G. Braga, Gonçalves Crêspo, João Penna, Guerra Junqueiro, etc. Tudo isto é pomada que por ser muito rançosa não tem extração no mercado. O Martins Guimarães, como poeta, é muito superior a êstes socialistas das dúzias, que escrevem versos apalermados como êste: "Treme raivoso o seio do infinito, e um povo inteiro, pálido e proscrito traça o porvir nos lábios da desgraça..."

Zangado por ninguém lhe dar importância literária, êste borra-botas tem injuriado todo mundo. É ainda isto que êle está fazendo comigo, porque não lhe fiz os elogios que me pediu nas cartas que publiquei. Apregoa que aprendeu o satanismo em Paris, aonde diz que estêve antes de vir para o Brasil e convidado por alguém para falar francês verificou-se que não pronuncia uma palavra direito, porque nunca pisou na grande cidade. Escreveu, logo que chegou a São Paulo, umas cartas a Júlio César Machado de quem nunca teve resposta, pois que o grande folhetinista português não estava para aturar lorpas ou telhudos; etc., etc. ... Faço ponto nos apontamentos biográficos do sr. Gaspar da Silva porque me sufoca o riso ao ver que se aninham naquele bestunho tanta necedade e prosápia. Em resumo, direi a êsse bem-aventurado de espírito que desprezo completamente as amabilidades que me atrai porque não estôu acostumado a lidar com gárotos. Entretanto, seja-me licito fazer o confronto do que o sr. Gaspar da Silva diz hoje de mim, e do que dizia quando me escreveu dando-me parabéns pela maneira como eu fazia a crítica, em questão, de gramática que sustentei nesta cidade. Hoje, o Baudelaire do Lamêgo atrai-me o espírito de rotunda ignorância e naquele tempo o mesmo apresentado escritor achava esplendoroso os meus artigos e dizia: "É dêste modo que se faz crítica". Se publiquei as cartas que me dirigiu o sr. Gaspar da Silva foi para que o público visse que o mesmo sujeito que me elogiava quando queria elogios para si, não os tendo obtido de mim, deu de me atrair chufas e chalaças de quem não sabe dizer mais nada.

Em seguida, Abílio transcreve em seu artigo as cartas que citara, em que Gaspar o elogiava afirmando, efetivamente, que "achara o artigo de Abílio esplendoroso e era daquele modo que se fazia crítica".

Gaspar irritou-se e era natural que isso acontecesse e voltou, então, pelas colunas do jornal de Sarmento afirmando que "estou sendo vítima dos ódios felinos das rivalidades estultas duns académicos que teimam em me confundir com os gamenhos. Veja se publica — continuava Gaspar — a carta que dirigi a Abílio com a notícia seguinte: "A questão poética provocada na imprensa de São Paulo por Gaspar da Silva, agonisa, em virtude da intervenção quichotesca de alguém que tudo ignora, mas tudo julga saber (amplie como entender não deixe de fustigar) os que desceram à plana de gaiato para apresentarem as frases com que pretendem insultar-me".

Voltou Abílio à liça em 4 de agôsto daquele mesmo ano de 1876 com "Mais uma tirada do Gaspar...". "Nesse artigo o compatriota da "Gazeta" afirma que estava apenas se defendendo das insolências do Gaspar, o farricôco do satanismo, que afirmara que o artigo d'êle, Abílio, era indigno e baixo... Era o tal Gaspar, na sua resposta, semelhante à quitanadeiras que, para jogar sugidade àquêles que não estiverem, pelas suas pretensões asnáticas... etc... Não quero referir-me a outra pessoa, por isso tratarei só d'êste desgraçado rimador de água doce...

Vem em seguida uma análise de fatos escritos e descritos pelo Gaspar, afirmando que o mesmo falara mal da vida do Ministro de Portugal, chamando-o desavergonhado e procurando, mais, lançar labéus contra a família reinante de Portugal afirmando: "Deus queira que fatos d'esses não se reproduzam no Paço, ou coisa semelhante". Havia insultado êle, Gaspar, ainda mais, a diversos académicos de São Paulo, a ponto de lhes atirar pela imprensa a imunda frase de "Cambrone" e tendo por justa resposta levado estrepitosa vaia na rua São Bento, lembrou-se o sr. Gaspar da minha humilde pessoa acabando por me mandar uma notícia feita por S. S. E é um patricio meu — exclama Abílio — que não sabendo respeitar conveniência alguma, depois de vir dizer em um país extranho que homens notáveis da nossa nação que se acham à frente de negócios do Estado, são uns desavergonhados, depois de vir desacreditar sua terra, pretende ferir-me mentindo como um cão e envolvendo nessa questão homens a quem deveria tributar mais um pouco de consideração."

Estávamos a 4 de julho daquele mesmo ano e o assunto, parece, morreu por aí. Houve intervenção de terceiros quando a coisa ameaçava pegar fogo...

Mas, o tal livro... "antes de soprar a candeia..." a que pitorescamente se referia o sr. Abílio era, de fato, um livro que iria sair à luz da publicidade, apenas, seu nome era "Antes de soprar a luz..." Foi publi-

cado em São Paulo, contendo contos, apreciações de vários livros de autores portugueses, perfis biográficos dos escritores Guilherme Braga, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crêspo, João Penna, etc., elementos que fariam parte das amizades íntimas de que tanto se vangloriava o jornalista. Certo é, no entanto, que Gaspar era inteligente e belicoso, tanto assim que provocou outra onda de descontentamento, tal como o fizera em São Paulo, publicando severo artigo contra os poetas da época, tendo visitado Campinas em maio de 1876, dia 25 (aqui estava), quando ainda era colaborador da "Província de São Paulo" e um dos redatores da "República das Letras".

Gaspar era, evidentemente, um poeta "moderno" naquela época, adiantadíssimo, tinha idéias novas, revolucionárias, tanto assim é que hoje o teríamos qualificado como "modernista". E, a questão acima referida, surge porque Abílio Marques escrevera na folha de Quirino dos Santos um artigo "afirmando que nada entendia de poesia e a ela nunca se dedicara". "Venho no entanto — escreveu êle — entrar na arena onde combatem espíritos mais esclarecidos do que o meu, cada qual em defesa de sua predileção. O meu amigo lançou a luva ao lirismo, "êsse velho, êsse escrufuloso", como lhe chama e pretende subjugá-lo entendendo-o por morto. Não sei bem como os poetas chamam ao lirismo ou socialismo. Parece-me que o lirismo é o mais elevado gênero de poesia, aquêle em que se cantam os sentimentos mais nobres e ardentes da humanidade". Passa, Abílio a fazer um estudo da poesia lírica e escreve: "Quanto ao socialismo, dizem que é uma poesia instrutiva, aquela que despreza as pieguices do amor individual, daqueles que deixam os lírios e as boninas baloiçarem-se à beira dos regatos ou beberem o orvalho matutino para decantar-se só e unicamente a verdade e derrubar a mentira. Seu ideal são as oficinas, os laboratórios, as idéias novas e o progresso, enfim. O poeta socialista se quiser cantar as grandes invenções, as ciências, as artes, a marcha progressiva dos povos; se quiser escrever um poema glorificando a memória de um sábio, de um arrojado navegante, de um audaz guerreiro; se quiser fazer apologia de uma idéia social há de como Homéro, Virgílio, Camões, Tasso ou Hugo pintar a natureza, há de falar dos astros, da terra, do mar, das forças físicas, dos metais, enfim de todos êsses poderosos auxiliares do progresso e da civilização, que fazem parte da natureza".

Depois, comparativamente, Abílio faz estudos das duas poesias e continua: "Traz o meu amigo em abono de sua opinião os nomes da moderna geração poética de Portugal, onde diz que o lirismo se estorce nas vascas da agonia. Permita-me que não concorde com sua opinião. Como o amigo conhece muito de perto os poetas a que se refere, estou em de-

sacôdo com eles. Acompanhei o Guerra Junqueiro e Gonçalves Crêspo desde os belos dias de colégio até aos belos tempos de Coimbra. Fui discípulo de Cândido de Figueiredo; conheci Souza Vireito, Simões Dias, João Penna e muitos outros. E confesso-lhe, meu amigo, que sempre os admirei como poetas líricos. Aí estão os versos dêles para provarem esta asserção”.

E termina: “Se todos os outros gêneros da poesia forem sendo desprezados, somente agora e pouco a poesia lírica tornou-se quase a única poesia do século XIX”.

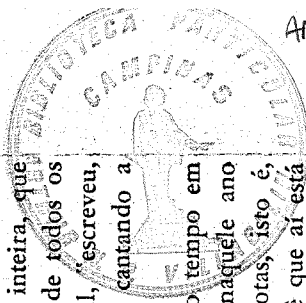
Depois disso, “Alguém” voltou à carga contra Gaspar da Silva que retrucara a Abílio, publicando um folhetim no rodapé da “Gazeta” afirmando “Está morto o lirismo” não há dúvida. O ciclópico sr. Gaspar da Silva vibrou-lhe o último golpe. Eis aí o pobre dos escrofulosos, ôco e vão, estendido como um javardo, prestes a ser devorado pelas larvas imundas das árgidas sepulturas. Desculpem-me o estilo socialista em que princípio êste folhetim — diz o anônimo autor —. Para conversar com o meu amigo Gaspar preciso afinar a lira no menos lírico possível. O poeta moderno, o poeta que acolhe o progresso, êsse grande ideal da humanidade, quando combate o êrro e o preconceito, faz em pedaços a lira de seus avós, não aspira a fragrância das rosas, nem se entusiasma com o contemplar um céu marchetado de sôes e planêtas; não procura, tão pouco a alimentação usual na cenoura e nabo; detesta a feijoada e o presunto de Minas ou do Lamêgo, com mêdo de criar um abdômem descomunal, enfim, tem horror, ódio e não sei que mais a pingues alimentos de que faziam uso outrora os muito reverendos padres Bernardos. Hoje, o poeta, no entender do sr. Gaspar da Silva almoça força coercitiva e centrifuga; lancha oxigênio e hidrogênio, janta sopa de electricidade dinâmica, *roast-beef* de ferro magnético, sobre-mesa de *pudding* de carvão e bebe as vibrações sutis de uma caldeira à vapor. Em vez de lira empunha um apito de locomotiva e inspira-se nos suavíssimos odores do carvão de pedra e dos gases hidrogênicos e amoniacal. Refeitos, assim, o corpo e o espírito, senta-se o vate à mesa moderna de trabalho e como tenha necessidade de pôr de um lado as velhas usanças, começa a escrever poesias sociais com as penas eléctrico-magnéticas do Grão-Mágico.”

Vem uma análise, seguida da poesia moderna e depois continua o folhetinista: “O meu amigo Gaspar é um homem como todos os outros. Quem o ver na rua, alto, esbelto e fumando charuto, não dirá que dentro daquele crânio augusto “il y a quelque chose” de socialismo. Há tempos, li um escrito — afirma adiante o cronista da “Gazeta” — em que

se diz que o meu Gaspar é o introdutor da poesia social no Brasil, ao mesmo tempo em que se citavam diversos nomes de escritores da geração moderna, igualmente socialistas, creio eu. Depois, e desde então, fiquei convencido de que meu amigo Gaspar viera ao Brasil inaugurar a era socialista! É verdade que em 1864 já em São Paulo se escrevia: “A poesia moderna vai tendo uma significação altamente importante nos meios das questões políticas sociais que se agitam atualmente... Embora seja o tema universalmente abraçado pelos poetas de tôdas as épocas, o amor continua, ainda, a ser como de pura fé acreditamos, outros assuntos, não queremos dizer mais importantes para a organização da felicidade dos povos, porém para se resolverem em uma esfera por assim dizer menos circunscrita, que aquela em que se aquilata com mais força a individualidade própria do cantor, vão tomando vulto entre os escritores da moderna escola”. Mas, a fortuna não deixou durar muito estas idéias nos crânios dos poetas brasileiros. Chegou o sr. Gaspar e disse “alto, frente! morte ao lirismo e viva o socialismo”. “Disse eu — continua em seguida, o anônimo “Alguém” — que o lirismo era a alma materna da poesia e que havia uma única forma geral: a lírica. Que tôda as outras eram emanações de ar; que a poesia lírica era a base de tôdas as escolas até hoje conhecidas e que, finalmente, era ela quase que a única poesia dêste século, e, portanto, nunca poderia morrer para sempre a verdadeira poesia”. Se me fosse preciso continuar a prova de que a poesia lírica nunca morrera e que ela é a única que sabe traduzir todos os grandes sentimentos da humanidade, perguntaria ao amigo Gaspar se a “Marselheza” de Roger de L’isle não é lírica e não entusiasma ainda hoje, uma nação inteira, que ao som dêste hino imortal correu a conquista da liberdade e de todos os grandes melhoramentos sociais. A geração moderna de Portugal, “escreveu, finalizando”, é lírica, quer cantando a poesia individual, quer cantando a poesia social ou outra qualquer”.

E fora essa questão, posta em pauta de discussões desde o tempo em que Quirino foi redator do “Correio Paulistano” e discutida naquele ano de 1864 que deu origem a inimizade entre os dois compatriotas, isto é, Abílio e Gaspar. Mas, no fundo, observando-se bem, bem se vê que aí está atrás da evocação daquele ano de “1864” e da “Marselheza” o espírito santo de orelha de Quirino dos Santos... O Abílio, para mim, nessa questão apenas “assinou de cruz” o tal folhetim!

E o negócio depois saiu feio, tal como o imaginaria o grupo da “Gazeta de Campinas” porque, ofendido em seus bríos pelo Gaspar da Silva, Abílio abespinhou-se com o rumo tomado pela perlenga e já em agôsto daquele ano de 1876 saía a público “contra um infame e sem pudor



de espécie alguma, conhecido pelo nome de Gaspar da Silva, que persiste em jogar-me insultos com furor verdadeiramente satânico. Nesse terreno rasteiro e repugnante não me bato porque sempre que os homens como Gaspar da Silva quando perdem a vergonha e o respeito pelo público, descem a atirar toda a sorte de indignidade. Em respeito ao público e em respeito a mim mesmo, à minha família e alguns amigos, declaro solenemente não acompanhar Gaspar da Silva na lama em que se envolve como um porco e desprezo todas as secreções de um cérebro cheio de imundície. Se dar na cara desse patife com chicote a vergasta pudesse deixar-lhe um sinal vermelho talvez eu fôsse a São Paulo esfregar-lhe o látego nas ventas”.

E foi por aí que o “negócio” parou porque Gaspar escrevendo em São Paulo “ouvia” e lia os insultos muito distante, sem se importar com o que se passava na terra que êle conhecia quase que superficialmente. Mas, isso não impediu que êle o “Gaspar Pernilongo das Mofinas” viesse de quando em quando a Campinas, como dissemos. Empregava seu tempo em sua livraria aqui na cidade e escrevia seus folhetins para os jornais da Capital. E a “Livraria Internacional” foi ampliando seu campo de venda. Passou a expor e vender artigos carnavalescos, tais como nariz de cêra, máscaras, também de cêra, bisnagas a três mil réis a dúzia, ao lado das mais notáveis publicações que eram recebidas diretamente de Portugal, isto sem se contar uma linda coleção de romances franceses, dicionários, que poderiam ser encontrados a preços accessíveis no estabelecimento comercial, da rua do Comércio (Dr. Quirino). Depois, êle mudou sua residência para cá. Acalmaram-se os ânimos entre êle e os “gazeteiros” e Gaspar então, teve ensejo de promover diversas reuniões sempre de caráter beneficente, como aquela, por exemplo, da representação de uma Companhia de zarzuelas do sr. Bonaplata, cuja renda reverteria em benefício das vítimas de uma inundação em sua pátria (1877 - fevereiro) e ao que a “Gazeta” noticiava “que achamos tão piedoso o fim a que será destinado o produto desse espetáculo que sinceramente acreditamos não acorram somente portugueses, mas também brasileiros, levando a oferta de nosso óbulo em favor de nossos irmãos dalém mar.”

Depois, de parceria com Júlio Ribeiro, que por esse tempo lecionava em Campinas no Colégio “Culto à Ciência” (1877), pretendeu Gaspar a publicação de uma “Enciclopédia Instrutiva”, cuja leitura amena seria feita nos moldes da “A Educação Popular”, de Lisboa, saindo mensalmente o volume. A matéria de cada um dêles conteria, necessariamente: estudos de linguagem portuguesa, desenvolvimento e análise dos fatos mais notá-

veis da “História do Brasil”; biografias de homens ilustres; narrativas de história, etc. O primeiro número dessa revista, “cujo fim principal era proporcionar ao público por um preço módico e de leitura agradável e útil (aliás, ela não venceu), foi publicado em 14 de julho na “Livraria Internacional”, tendo como texto e matéria as “Criações industriais do Baixo Império, na Idade Média”, tradução de um artigo de Philarete Casles, feita por Julio Ribeiro e uma “Biografia do eminente Camilo Castelo Branco”, pelo Gaspar da Silva.

Outras iniciativas de nomeada estiveram a cargo de Gaspar e, muito acolhido e pouco respeitado nos meios da colônia portuguesa de Campinas, colocou-se êle ao lado de seus compatriotas quando se tratou da nomeação do cidadão João Gonçalves Ferreira Novo, para substituto do Agente Consular de Portugal em Campinas, promovendo o jornalista uma reunião presidida para esse fim, pelo sr. Guilherme de Andrade Villares. A representação enviada às autoridades portuguesas no entanto, redundou em fracasso e o jornalista teve mais uma atmosferazinha de impopularidade contra si dentro dos muros campineiros... Ainda assim não se deu por achado e procurou continuar o fracassado intento inicial convocando seus compatriotas para a fundação de uma sociedade congregando os portugueses da colônia de Campinas. E foi feliz nesse seu intento porque em 2 de dezembro de 1877 inaugurava-se à rua do Comércio (dr. Quirino), esquina da rua de São Carlos, a sede social do Clube Ginástico Português, do qual era presidente, êle, Gaspar da Silva. Era um clube dedicado ao preparo físico dos associados, possuindo local apropriado para esse fim. À noite houve, como sempre acontecia, luminárias e banda de música à porta do novel estabelecimento ginástico. Mas, mesmo procurando harmonia com o pessoal da “Gazeta”, nem assim Gaspar deixava de, quando em quando, ser hostilizado pelos responsáveis por aquela folha. E, tudo quanto se publicava em outros jornais do Brasil que pudesse diminuir aos olhos dos seus patricios o “louro poeta”, era transcrito nas colunas pagas do jornal de Quirino dos Santos. Sem se agastar com isso, no entanto, procurava o antigo redator da “Gazeta de Portugal” na Côrte um meio de ganhar a vida que para êle parecia ser difícil naquela época. Não se deu bem com a sua livraria. Não se deu bem com a sua revista literária e procurou abrigo em outra cidade, mudando-se então, para a de Sorocaba em 30 de janeiro de 1878. Ali ia êle redigir um novo periódico e despedindo-se de todos seus amigos “enviava saudoso adeus a todas as pessoas que durante sua permanência em Campinas o haviam honrado com suas amizades, destacando-se dentre elas a de Júlio Ribeiro, soberana intelligência que é dotado, aliás, dos mais nobres e delicados sentimentos; do

João Diogo, do Fonsêca Amaral, alma de homem que não é dêste tempo, pelas virtudes que o distinguem, etc." E lá se foi o Gaspar, redigindo já em fevereiro daquele ano a "Gazeta de Sorocaba", uma nova fôlha de propriedade de uma Associação comanditória da qual era chefe e redator responsável Gaspar da Silva, publicando-se às terças, quintas e domingos. Em seu programa declarava o jornal que "desejava a democracia, mas repelia os demagogos e seu programa era advogar os interesses do importante município da florescente cidade sorocabana".

Mas, também, ali não parou o autor do "Antes de soprar a luz..." e já em novembro de 1878 se encontrava em São Paulo, explicando que encerra a publicação da "Gazeta de Sorocaba", porque o sr. Maylasky, proprietário da tipografia faltara aos seus compromissos, redundando em fracasso aquela publicação.... E, na Capital da Província, o irrequieto criador do jornal da Sorocabana, deu, então, vãs ao seu espírito de crítica publicando um folheto com o título de "Carta de um emigrado ao sr. Camilo Castelo Branco", referindo-se com acrimônia à parte em que o destacado escritor português se ocupava do Brasil no seu "Cancioneiro Alegre".

Igualmente, ainda por êsse tempo, continuava êle colaborando no "Diário de Campinas" que, reafirmava êle, "a fraternidade universal é o alvo a que se dirigem as aspirações da maçonaria e que os maçons eram os obreiros do futuro". Acrescentava que, "sendo isto verdade, aconteceu que a história dos Papas, para êle, era uma narração de atrocidades e estava portanto, em sua opinião, explicada a razão da luta travada entre a Côrte Papal e a Maçonaria, afirmando que aquela queria dominar, impedir, fazer retroagir a humanidade ao passo que os maçons queriam, apenas, a liberdade e a justiça".

Acontecera que já Camilo havia lido "A carta de um emigrado", de Gaspar e lhe respondeu em termos desabridos em uma misiva aberta que a "Gazeta" "gostosamente" transcreveu em 9 de setembro de 1879. Nela, o autor do "Cancioneiro Alegre" escreveu...

"... que recebera uma carta imprensa que se vendia no Império por cinco tostões, com 15 páginas, uma ladroeira! Diz que Gaspar afirmou que "lendo o Cancioneiro," estava ameaçado de indigestão, que antes queria comer duas orelheiras de cerdo, com feijão branco e rodelas de paio, e beber uma canada do rascante de São Miguel do Seide (quanto a beber — afirma Castelo Branco — eu lhe direi no fim desta); que o "Cancioneiro" está

repleto de gorduras nauseabundas; que lhe dei um guisado de banhas suínas já rançosas; que o "Cancioneiro" é o livro mais indigesto que nos últimos dez anos tem aparecido; que eu sou colega do Rosalino Cândido de Sampaio e Brito; que o "Cancioneiro" é uma feijoada e mais sórdido que as frigideiras de Braga. Depois, diz de si mesmo: que escreve com uma correção que muitos bacharéis de cá e de lá invejam; que os srs. João de Deus, Antero de Quental e Eça de Queirós me serviram de alvo a umas graçolas lorpas. Finalmente, quando se lhe acabaram as imagens — afirma Camilo Castelo Branco — dos feijões, da cabeça de porco com paio, começou a elogiar-me o patife! É um talento português emigrado! Não quer que a pátria lhe possua os ossos e a cascatia! Que pena êste "Gaspar" se estragar com a cachaça brasileira. O nosso irmão dalém mar, Gaspar, venha, repatrie-se, recolha-se ao lar. Se aqui não lhe derem a posição que as suas letras reclamam, entretenha-se a cavar no torrão natal, com seus pés de burro; não precisa sair da sua pessoa, cava-se nos pés como o pelicano no peito; e excusa de encomendar o Pina para escavações. Quanto à indigestão que lhe fez o "Cancioneiro", sr. Gaspar, tome um vomitório daquilo que Jeová mandou comer a Ezequiel. Consulte a Bíblia (Ezeq., cap. LV, v. 12) e depois misture e beba.

(a) *Camilo Castelo Branco.*

Nota à anotação — 1 Por um sentimento de caridade não direi os motivos que tivera um certo S. Boaventura da Costa, em Portugal, chamar-se Gaspar da Silva, no Brasil. Quando se enfastiar desta crisma deve chamar-se Lazarrillo de Tomese depois Gusman de Alfarahe.

2) "Carta de Emigrado", à propósito do "Cancioneiro Alegre" — Rio de Janeiro — 1879 — 15 páginas.

Diante dessa carta parece que o Gaspar da Silva não deveria mais voltar à Campinas, nem permanecer em São Paulo e menos no Brasil. Mas êle não se deu por achado e foi ficando perdido por estas terras, ruminando contra "alguém" "que deveria ter enviado seu trabalho publicado na Capital" contra o notável escritor seu compatriota

Naquele tempo e mesmo pouco antes, Camilo era colaborador, pelo menos com seu consentimento, a "Gazeta de Campinas", inseria em suas páginas, em forma de folheto, um dos seus romances célebres e, daí o ter êle recebido, por intermédio dêsse jornal ou de um outro qualquer inimigo

do Gaspar o folheto d'este jornalista, de quinze páginas, e sair-se com o destampatório cujas linhas conhecemos. E verdade também, que por esses dias a fôlha de Azevedo Marques anunciava em suas páginas a venda de um livro de Camilo, que poderia ser adquirido em seu escritório, como era costume nas redações dos jornais, o de venderem obras culturais. Este volume era o da "História e Sentimentalismo", onde vem relatado o muito falado romance de Euzébio Macário, novidade literária naquele ano.

O certo é que o Gaspar durante perto de dois anos desapareceu do cenário jornalístico da Província Paulista e depois surgiu como redator de um outro periódico em... Minas Gerais. Lá estava êle em Uberaba, aboletado à frente da redação da "Gazeta de Uberaba" e sempre fazendo "misérias", provocador e trelente com a vida de todo mundo!

Sua nova vítima desta feita foi o notável político Silva Jardim a quem Gaspar procurava diminuir à frente de seus correligionários e de tal maneira que, em 16 de novembro de 1879 a "Gazeta de Campinas" publicava esta nota em sua secção particular:

"Gaspar "Boaventura".

Caem, de vez em quando, sob os meus olhos, uns números da "Gazeta de Uberaba". Vêm cheios de desaforos e tão mimosos que quase agradeço a delicadeza de Gaspar da Silva para comigo. Outro dia eu era "... desonesto rabisgador de díslates e asnidades..." e hoje somos (o sr. Carlos Ferreira e eu) "uns piohosos polígrafos que exultaram com sua verrina não obstante nascerem neste país tão caluniado e ridicularizado no "Cancioneiro" e na "Bibliografia". Esses hão de apanhar para que deixem de ser patifes. "Depois do que, antes de analizar Camilo Castelo Branco diz êle: "Espera, Silva Jardim, prepara-te, Carlos Ferreira". Tudo isto dêle, diz aviso à polícia, ao comércio, aos pais de família, aos proprietários de cafés e às calçadas do Rio de Janeiro e de Uberaba. Um conselho à "Gazeta": se não quer ver a "Gazeta" cercada pela polícia e os números da fôlha devolvidos, enxote de lá essa asa negra da imprensa, sujeito hábil em dar bordoadas pelos jornais e apanhadas nas desventuradas costas. Diabo de Gaspar! Ou está doído ou hidrófobo. Uma e outra coisa. Eu não discuto com êle, debico-o que é o melhor. São Paulo.

(a) *Silva Jardim.*"

Nem assim se curou o Gaspar. Atrevidão e aventureiro continuou naquela sua faina de jornalista provocando escândalos de todo jeito. Meteu-se na política mineira! Imaginem onde! E com quem? Foi ameaçado de tôda sorte e provocou de um de seus antigos colegas do "Diário de Campinas" esta crônica, publicada em 26 de fevereiro de 1881:

"Chega-nos às mãos o jornal em que o sr. Gaspar da Silva escreveu a resposta aos que o queriam espancar. Uberaba leva piparotes tão bons nesse artigo que, ou muito nos enganamos ou havemos de saber de novas agressões. O sr. Gaspar não se importa. Aconselha-mo-lo a ter cuidado com o sertão, onde os mortais que "pensam" estão sujeitos a discussões de bastonadas.

Abaixo damos o famoso artigo em que o sr. Gaspar aposta a terra em que Manoel Araújo Rosa foi assassinado.

Êl-lo: "Falou-se muito na aparição durante a semana acêrca de vultos suspeitos no quintal e no pátio da casa em que reside o escritor destas notas. A polícia fêz averiguações porém não obteve resultados. O público, sem inquirir testemunhas, explicou o casô de maneira aceitável. Esses, os "tais" vultos, eram capangas comprados por um certo biltre para darem algumas cacetadas ou meter algum chumbo no momento em que, de volta das lides cotidianas entrasse em meu lar doméstico. Não se realizou a agressão porque nós, na noite da emboscada, recolhemo-nos casualmente mais cedo. As faces impudentes do miserável que recorreu a tão indigno meio de desfôrço, enviamos um escarro. Convém saber que o insignificantíssimo grupo de nossos inimigos saiba do seguinte: não há ameaças que nos intimidem. Havemos de prosseguir pelo nosso caminho, censurar, repelir qualquer ofensa que nos seja feita, arriscando a própria vida. Havemos de rir de tudo que nos pareça burlesco, do orgulho e da petulância dos mandões, que julgam ter o rei na barriga e pelo fato de terem meia dúzia de capangas contínuar a provocar as nossas melhores gargalhadas. Não há terror para nós e por isso entendemos que se o referido grupo está decidido a nos arrolhar, deve mandar nos matar. Só assim conseguirão o que deseja. Em Uberaba ouvem-se a miúdo esta frase: "Mando dar uma sova, mando dar um tiro..." Revelam profunda abjeção e grande covardia. Enquanto existir a soberania do cacete Uberaba, que pode ser uma cidade civilizada, será uma aldeola sertaneja, apenas com importância comercial."

Um parêntesis. Por essa época, isto é, em 1881, o jornalista Ferreira de Menezes havia sido ameaçado de morte por intermédio de um bilhete e os jornalistas independentes, comentava o "Diário de Campinas", estavam com as horas contadas. Continuando: "Em Uberaba ao sr. Gaspar da Silva faziam 'esperas'. Era o Menezes, bem o sabemos, um dos mais severos e arrojados jornalistas da época, no dizer do "Diário". E tal fato acontecerá na Capital do Império! Agora, o que podemos acreditar é que se faça tudo em Uberaba! Ultimamente esta cidade conta dois periódicos: o "Correio Uberabense" e a "Gazeta de Uberaba". duas fôlhas inimigas por via de regra. O "Correio" foi fundado pelo sr. Gaspar da Silva e Gomes da Silva Júnior, é uma fôlha interessantíssima, vigorosamente redigida, que tem sido para os extranhos a mais alta floração daquela cidade, atacando desassombadamente os preconceitos inerentes aos lugares pequenos, erguendo o véu hipócrita que a acobertava e sustentava, as falsas posições, farpeando despidosamente as individualidades presunçosas; essa fôlha faz-nos assistir a um extranho espetáculo, qual é o de fazer isso em um palco não acanhado como o é a cidade mineira. Mais cedo ou mais tarde, como era natural, os ódios deveriam rebentar. Alguns indivíduos, vencidos de sua importância mísera, armaram o capanga antecipadamente pago o preço da sua vergonha mandaram-no sovar o inimigo, cuja arma é uma pena. Mas, Uberaba não há de consentir nesse ignóbil fato: seria um descrédito, uma nódoa sobre a educação de cidade civilizada.

E, de fato, nada aconteceu ao Gaspar da Silva mas, para isso, temos certeza, teve êle que, novamente mudar de ares a fim de não sofrer os "rigores" do ambiente político... E lá se êle foi para Casa Branca a fim de redatoriar outro jornal, fundado naquela cidade com o nome de "Galileu", e para onde partira em 15 de julho de 1881, depois de matar saudades de amigos em Campinas, onde estêve e se demorou alguns dias. Aquí, nesse ano, teve êle oportunidade de escrever uma poesia sobre a caridade na qual descreve, primeiramente, uma noite de terrível tormenta e fria, quando, então, uma mísera mulher expõe aos passantes seus filhos famintos, à porta de um casebre, terminando assim:

— "Mãe, tenbo frio e fome" — exclama o pequenito.
Ninguém... e nem o céu atende aquêlê grito...

depois refere-se a um Bispo envolto em fino traje, descreve-o feliz e termina:

*Quem, pois, mitigará aquela dor sagrada?
Desgraçada mulher, que triste sorte a tua...
Nestas horas assim, não sai ninguém à rua...*

Nesse mesmo ano e pouco antes de partir para Casa Branca houve, como era costume também por esse tempo, uma grande festa republicana promovida pelos próceres da política do barrête frígido e a ela Gaspar compareceu, pois que aqui viera (ficou-se então, sabendo disso), especialmente para tomar parte na homenagem à colônia francesa, sendo êle o encarregado da saudação principal feita a Vítor Hugo "o maior gênio do século", no dizer do "Diário de Campinas".

O jornalista português redatoriava então, o "Tiradentes", outro órgão da imprensa uberabense, pertencendo ao Partido Republicano. Nessa reunião política foram feitos nada menos de vinte e oito discursos e seria até, fastidioso, repetirmos aqui a série enorme de saudações que se levantaram durante a festa.

Em Casa Branca, onde permaneceu até quase ao fim desse ano, o jornalista português, ainda como redator do "Correio Uberabense", embora já não mais morasse na cidade mineira, fez uma conferência abordando o interessante assunto sobre o prolongamento dos trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro até Goiás e Mato-Grosso, conforme um traçado do dr. Leite de Morais. A reunião, que atraiu grande concurso de povo, foi realizada na Câmara Municipal casabranquense, assistida, principalmente, por grande número de comerciantes e negociantes, pelo interesse que despertaria tal melhoramento abrangendo toda a conhecida zona comercial. Seu ponto de defesa e de combate contra tal prolongamento, foi baseado nos grandes prejuízos que acarretariam à Casa Branca e Franca se o mesmo partisse da então florescente cidade de Ribeirão Preto. Gaspar foi inteiramente apoiado por vibrantes aplausos daqueles que esposavam seu ponto de vista. Mas, o gênio aventureiro do "poeta louro" não ficaria, naturalmente, preso ao estreito ambiente da Casa Branca daquele tempo. E eis nosso herói retornando à Capital da Província, colaborando, outra vez, em suas principais fôlhas. Ali teve ensejo de conhecer uma atriz de teatro muito amada e possuidora de excepcionais dotes artísticos, de nome Gema Cuniberti. Sua presença em São Paulo fez furor e, então, o poeta português dedicou-lhe, na noite de sua despedida, amáveis versos que fizeram furor por aquêl tempo: "Adeus paulistas".

*È hora da despedida;
Como eu estou comovida
Minha alma soluça e chora!*

levarei profunda recordação do beijo de Carlos Gomes e outros fulgidos nomes, levarei no coração. Direi na Europa aos outros artistas, como são bons os paulistas, como eles são generosos. Em terra vivem de amôres, nunca vi uma terra assim, onde eu fui lá, colhêr flôres, naquele eterno jardim; quando entrava no proscênio, tornavam-se os meus escravos e proclamavam meu gênio e davam palmas e bravos...

E Gaspar, moço ainda, espírito jocosos e profundamente irriqueteo, continuou vivendo dentro daquele ambiente de boêmia, sem, no entanto, esquecer jamais do jornalismo. E lá se meteu êle em outra aventura jornalística desta feita contra o dr. Pedro Tavares, a quem começou atacando pela tribuna livre do "Diário Popular", do Zé Maria Lisboa.

E as gentilezas, recíprocas, pois que o dr. Tavares não ficava em sossego diante dos ataques de seu adversário, acabavam provocando incidentes com o portuguez, segundo nos dá conta esta notícia de 9 de janeiro de 1885:

"Entre o nosso estimável colega sr. Gaspar da Silva e o dr. Pedro Tavares, deu-se ontem, em São Paulo um desagradável incidente, conforme se explica por um telegrama, que, obsequiosamente nos forneceu o sr. Henrique de Barcelos (naqueles tempos não se conheciam os "furos" jornalísticos, pelo menos em Campinas e, notícia importante que chegasse à redação de um jornal era logo levada à do outro que acaso não a tivesse).

O dr. Pedro Tavares — continuá a informação — à propósito de moftinas publicadas contra êle em jornal da Capital, foi à casa de Gaspar da Silva e provocou-o. Houve luta. Gaspar recebeu duas pequenas punhaladas, insignificantes. Pedro apaixonou muito e foi prêso. Mas, Gaspar, insurgiu-se contra a polícia, não consentiu que o Dr. Tavares fosse detido em flagrante, não consentiu em sua prisão em sua própria casa e êle escapou. Gaspar bom. Chefe de polícia mandou efetuar a prisão do agressor."

O fato tivera origem em umas publicações feitas quando Gaspar, já como redator do "Diário Mercantil", revidara certas insinuações do dr. Pedro Tavares noticiadas no "Diário Popular". A resposta de Gaspar não se fêz esperar. E veio contundente e violenta, como era de seu feito. Tavares, enfurecido pela maneira desabrida com que fôra atacado dirigiu-se, então, à residência de seu adversário para pedir-lhe explicações e como êste se recusasse terminantemente a atendê-lo, arrancou inesperadamente

de um punhal avançando contra o jornalista, que estava absolutamente desprevenido, longe mesmo de supor qualquer agressão por remota que fôsse.

Daí, então, atracaram-se os contendores e Gaspar, sem arma nenhuma, defendeu-se como pôde, quando acudiu a polícia e vizinhos do casal, ouvindo gritos da esposa do redator do "Diário Mercantil" de uma sua filha, além uma tutelada sua. De tudo isso, no entanto, o que se resultou, foi a generosidade do jornalista portuguez, não consentindo que prendessem seu agressor, até que êste tomando um tálburi, fugira da polícia que tentara perseguir-lo em vão.

Partiu dêle, Gaspar a proposta, também generosa de se erguer em 1886 uma estátua ao eminente paulista e senador José Bonifácio. A notícia, divulgada tanto na Capital da Província como na Côrte, foi acolhida com entusiasmo e o "Diário Mercantil", tornou-se, então, alvo das atenções dos jornais brasileiros. Em Campinas, a lista aqui aberta pelo "Diário" foi iniciada por S. Majestade o Imperador D. Pedro II que, encontrando-se a passeio, novamente, em nossa cidade em 29 de outubro daquele ano, assinou-a inicialmente com 500\$000, tendo acolhido, igualmente, com palavras lisonjeiras a excelente idéia posta em prática pelo Gaspar da Silva.

Na fôlha paulistana, os artigos do "poeta de louros cabelos", iam-se destacando. Tornava-se êle alvo das atenções dos milhares de leitores do "Diário Mercantil" cujas vendas ampliavam-se à olhos vistos. Quando, em outubro de 1887 Ramalho Ortigão visitou o Brasil e esteve em São Paulo, tornou-se amigo de seu compatriota, defendendo-o quando, Ortigão não podendo visitar Santos fôra mal visto por um jornalista daquela cidade, provocando dêle esta carta enviada ao redator do "Diário Mercantil", assim noticiando-se em Campinas: Antes de regressar à Côrte o eminente escritor Ramalho Ortigão dirigiu ao nosso distinto colega do "Diário Mercantil", Gaspar da Silva, a carta seguinte:

"São Paulo, 8 de outubro de 1887.

Meu caro Gaspar da Silva.

Acabam de referir-me que um jornalista da cidade de Santos o tornou responsável para com a opinião pública ofendida pelo fato de não ter eu, há dois dias, realizado o projeto que fizera que eu; não fui a Santos única e exclusivamente porque disso me impediu um sentimento de atenção para com a saúde de meu companheiro de viagem. Nada mais justo do que eu

entender o seu acusador que a minha obrigação não é viajar com pessoas que adoçam sem avisarem de véspera, cumprindo advertir que o nosso dever, bem como o de S. Excia. me chama a comparecer vivo ou morto, são como são, doente como doente, inteiro ou por partes nos lugares em que S. Excia. me espera e à hora em que S. Excia. fêz tenção que eu chegasse. Quer, porém, êsse cavalheiro, forçar o rito da lógica até o ponto de resolver que desde que eu lhe comuniquei a V. um projeto. V. será solidário comigo no cumprimento dêle até o ponto que, se eu não parto, é V. quem fica, eis o que me parece duro. Sou muito agradecido ao dedicado amigo,

(a) *Ramalho Ortigão.*

O "Diário Mercantil" surgira em São Paulo em 15 de abril de 1884, tendo como redatores fundadores Gaspar da Silva e Léo Afonsêca e como colaboradores Olavo Bilac, José Severino de Resende, Júlio Ribeiro e outros. Em uma de suas fases, em 1890, adotou o título "O Mercantil". Possuía oficinas próprias. Aliás, é bom que se esclareça: Gaspar também possuía outra tipografia na Côrte, em 1888, onde imprimia volumes e livros. Nesse ano constava que a acreditada "fôlha da Capital" iria passar para uma nova empresa, dispondo de meios amplos, para lhe dar grande impulso. Na nova fase, o "Diário Mercantil" conservar-se-á completamente extranho às lutas partidárias, censurando o que lhe parecer censurável, elogiando o que fôr digno de elogios. Manterá feição literária que tanto o vem distinguindo e desenvolverá muito as secções noticiosas, telegráficas e comerciais. A redação e gerência continuarão a cargo dos redatores da fôlha, os nossos colegas Gaspar da Silva e Léo de Afonsêca, que também continuarão fazendo parte da empresa."

E aí, nesse jornal, parece que se aquietou o espírito do aventureiro, mas não o lado belicoso do notável jornalista. Tem-se impressão de, que seus ímpetos de novas aventuras, com o caminhar do tempo e quando avançado em idade, pararam mais acomodados nas colunas do "Diário Mercantil". Sabemos, no entanto, que esse jornal em 1891 tomara a denominação de "A Federação", dirigido, então, inicialmente, por João de Araujo, depois Pedro Gomes Cardim, sendo, redator-chefe Miranda de Azevedo e colaboradores Luiz Pereira Barreto, Aureliano Coutinho, Ferreira Braga e outros. Seria natural que por êsse tempo já Gaspar da Silva dêle se tivesse afastado, depois de uma sua última aventura em terras paulistas.

Esta se dera em março de 1889, logo após o aparecimento de "A Platéa", vespertino surgido, em 1.º de julho do ano anterior, como semanário e humorístico, impresso na Tipografia União, na Capital, illustrado por Araujo Guerra e redigido por Horácio de Carvalho, jornal êsse que teve longa duração na imprensa paulista, tendo sido fechado definitivamente em 1942 por defender os interesses do "eixo", isto é, da política assim conhecida, com origem nos governos de Mussoline e de Hitler, ampliada posteriormente pelos satélites da órbita alemã.

O fato é que, naquele ano do advento da República, isto é, no mês de março, o "Diário Mercantil", onde ainda se conservava Gaspar da Silva era vítima dos ataques e garatuías do jornal de Horácio de Carvalho. Seria natural que Gaspar da Silva revidasse aos insultos mas, o fato é que de maneira tão escandalosa foi sua vida exposta à curiosidade pública em virtude de outro violento artigo da "Platéa" que êle perdeu a calma. O jornalista dos "cabelos louros" indignado com o que vinha ocorrendo, dirigiu-se, então, ao escritório do periódico em questão e não encontrando ninguém que o pudesse receber, passou a destruir tudo que encontrava à sua frente, redação a dentro! Era violento o homem! Tudo isso acontecera, conforme disse depois, num momento de cólera, por não encontrar ninguém que pudesse atendê-lo condignamente! Queria saber onde estavam os autores da agressão moral que lhe haviam feito! Onde estavam?

Gaspar desta feita saiu-se airoosamente da perigosa empresa em que se metera, depois do desagravo feito pessoalmente contra a "Platéa". Depois dos comentários de vários colegas, que lhes eram favoráveis, depois de receber inúmeros cumprimentos pela sua atitude máscula e enérgica, dois dias depois da ocorrência, fôra alvo de grande manifestação promovida por amigos e colegas seus que, como uma banda de música à frente de grande cortejo que então se organizou, foram até ao escritório do "Diário Mercantil" vivá-lo e saudá-lo, tendo-se feito ouvir, até, na ocasião, o grande tribuno dos negros, o denodado abolicionista Antônio Bento!

E depois disso, não mais soubemos do Gaspar. Nunca mais lemos seu nome em nenhum outro registro, em nenhuma outra fôlha da Campinas. Talvez tenha se mudado para o Rio de Janeiro, talvez tenha regressado ao seu velho e saudoso Portugal... Talvez, mas a verdade é, que o denodado jornalista levava por onde quer que caminhasse, desde 24 de julho de 1889, uma Comenda da Rosa com que fôra agraciado quando ainda era redator do "Diário Mercantil".

